

O Método de Reconstrução Comparada

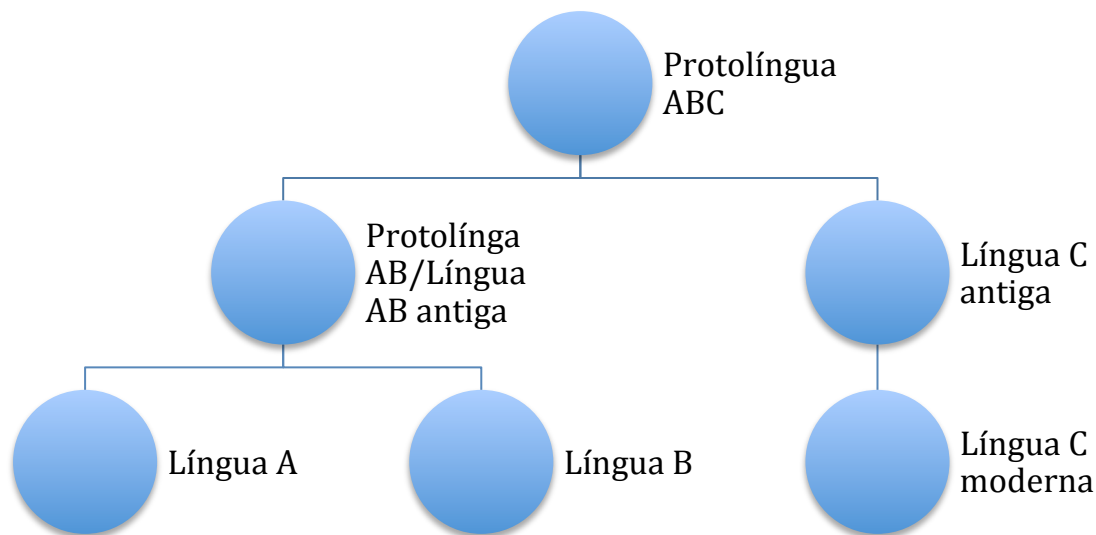
Texto traduzido e adaptado de Terry CROWLEY, *An Introduction to Historical Linguistics*, Oxford: Oxford University Press (1992) [3ª. edição de 1997, reimpressão de 2002: 87-118].

Até este ponto no curso, tenho apresentado exemplos de mudança tirados de diversas línguas em que as formas anteriores têm estado marcadas com um asterisco e têm sido distinguidas das formas atuais mediante uma seta que aponta para a forma do reflexo. Contudo, ainda não foi mencionado nada sobre a maneira pela qual se chegou a essas formas mais antigas.

O uso do asterisco é para atentar que tais formas nunca foram atestadas; nunca foram ouvidas ou escritas por ninguém vivo hoje. Os linguistas simplesmente adivinham tais formas na esperança de que sejam mais ou menos corretas, ou existe algum método especial pelo qual é possível deduzir como eram essas palavras ancestrais? Como podemos desfazer as mudanças que se interpõem entre o passado e o presente para descobrir como eram as fases anteriores? Embora seja forçoso admitir que a reconstrução envolve uma certa medida de conjeturas, às vezes, igualmente, pode-se afirmar também que não se trata de simples chutes cegos, e procura-se manter as estimativas o mais bem-fundamentadas possível. Portanto, como descobrimos as formas anteriores de línguas que nunca foram registradas?

5.1. Correspondências sonoras e reconstruções

Você já deve estar familiarizado com a ideia de que as línguas podem ser agrupadas “geneticamente” em famílias e que essas línguas “aparentadas” são as descendentes de uma única língua antecessora, que se denomina a **protolíngua**. Este modelo de evolução linguística assume a aparência de uma árvore genealógica:



Mesmo que não disponhamos de nenhum registro textual da protolíngua, com frequência é possível reconstruirmos alguns aspectos da língua original a partir dos *reflexos* das formas ancestrais nas línguas filhas pela aplicação do *método de reconstrução comparada*. Ao usar o termo *reconstrução*, quero dizer que se faz uma estimativa sobre como a protolíngua teria sido. De certa maneira, ao reconstruir, estamos desfazendo as mudanças que ocorreram entre a protolíngua e suas diversas descendentes modernas. Para realizar essa tarefa, é preciso escrutinar os chamados *reflexos* das formas na língua original, tal como eles constem nas línguas filhas. Com isso, quero dizer que se procuram formas em várias línguas aparentadas as quais pareçam ter sido derivadas de uma forma ancestral comum. Um par de formas que estejam nessa relação estão numa relação de *cognação* entre si (diz-se que tais palavras são *cognatas*), por serem os *reflexos* da mesma forma na protolíngua¹.

Ao realizar a reconstrução linguística dessa maneira, servimo-nos do *método de reconstrução comparada*. Isso significa que comparamos formas cognatas em duas línguas ou variedades aparentadas (e sempre que for possível, de preferência mais de duas variedades) para identificar uma forma ancestral da qual cada cognato pode ser derivado razoavelmente. Conseqüentemente, deve-se sempre levar em consideração o que se sabe sobre os tipos de mudança sonora mais comuns e quais são infrequentes, além de ter em mente sob quais circunstâncias certos tipos de mudança podem produzir-se. (Por conseguinte, convém sempre

¹ Os critérios para identificar eventuais cognatos são tipicamente semelhanças semânticas ou funcionais em conjunção com algumas semelhanças sonoras. De certo modo, é legítimo considerar que os reflexos são as continuações da mesma palavra ancestral quanto ao conteúdo semântico, mas revestida de uma roupagem sonora um pouco diferente (e, às vezes, radicalmente divergente) em cada língua filha.

ter à mão uma lista dos tipos de mudança sonora que foram descritos no capítulo 2 neste livro, quando se reconstrói uma protolíngua.)

Agora que uma parte da terminologia básica necessária para a reconstrução comparada foi apresentada, vamos considerar uma verdadeira situação linguística e tentar fazer dela algum sentido diacrônico. A continuação, estudaremos dados tirados de quatro línguas polinésias: tonganês, samoano, rarotonganês (falado nas Ilhas Cook, próximo ao Taiti) e havaiano.

	tonganês	samoano	rarotonganês	havaiano	
1	tapu	tapu	tapu	kapu	proibido
2	pito	pute	pito	piko	umbigo
3	puhi	feula	puʔi	puhi	golpe
4	tafaʔaki	tafa	taʔa	kaha	lado
5	taʔe	tae	tae	kae	fezes
6	taŋata	taŋata	taŋata	kanaka	homem
7	tahi	tai	tai	kai	mar
8	malohi	malosi	kaʔa	ʔaha	forte
9	kalo	ʔalo	karo	ʔalo	evitar
10	aka	aʔa	aka	aʔa	raiz
11	ʔahu	au	au	au	fel
12	ʔulu	ulu	uru	poʔo	cabeça
13	ʔufi	ufi	uʔi	uhi	batata doce
14	afi	afi	aʔi	ahi	fogo
15	faa	faa	ʔaa	haa	quatro
16	feke	feʔe	ʔeke	heʔe	polvo
17	ika	iʔa	ika	iʔa	peixe
18	ihu	isu	putaŋio	ihu	nariz
19	hau	sau	ʔau	hau	rocio
20	tafuafi	siʔa	ʔika	hiʔa	acender fogo
21	hiku	siʔu	ʔiku	hiʔu	rabo
22	hake	aʔe	ake	aʔe	para cima
23	huu	ulu	uru	komo	entrar
24	maŋa	maŋa	maŋa	mana	galho, ramal
25	maʔu	mau	mau	mau	constante
26	maa	mala	mara	mala	fermentado
27	naʔa	faʔaŋa	maninia	naa	acalmar
28	nofo	nofo	noʔo	noho	sentar
29	ŋalu	ŋalu	ŋaru	nalu	onda
30	ŋutu	ŋutu	ŋutu	nuku	boca
31	vaka	vaʔa	vaka	waʔa	canoa
32	vaʔe	vae	vae	wae	perna
33	laho	laso	raʔo	laho	escroto
34	lohu	lou	roŋo	lou	vara para coletar fruta
35	oŋo	loŋo	roŋo	lono	ouvir
36	ua	lua	rua	lua	dois

Se pressupomos que existia alguma vez uma língua que podemos denominar o proto-polinésio, o que é preciso se fazer para reconstruí-la, partindo desse corpus de dados composto das descendentes modernas desse postulado proto-polinésio?

Deve-se prosseguir por várias etapas. O primeiro passo é sempre de separar as formas que parecem ser cognatas das que não parecem ser aparentadas. Se duas palavras não são cognatas, isso significa que elas derivam de formas originais diferentes e, portanto, não constituem reflexos da mesma forma ancestral do que as demais. Para determinar se duas formas são cognatas ou não, é preciso avaliar o quão parecidas estão, tanto em termos do significado, quanto no que diz respeito à sua forma fonêmica e fonética. Se as duas estiverem o bastante próximas para que se possa defender razoavelmente que elas derivam de uma só forma ancestral com apenas um significado, então, é justificado tratá-las como cognatas.

Pergunta 1: Quais palavras são formalmente suspeitas de não serem cognatas?

Pergunta 2: Por que não tratamos os itens (17) /iʔa/ “peixe” em samoano e (20) /hiʔa/ “acender fogo” em havaiano como cognatos, apesar da sua aparência parecida?

Após completar a separação dos termos cognatos, o segundo passo é de estabelecer todas as correspondências sonoras. Cada conjunto de correspondências que identifiquemos descende de um som original.

(1) “proibido”					tonganês	samoano	rarotonganês	havaiano
tonganês	t	a	p	u	t	t	t	k
samoano	t	a	p	u	a	a	a	a
rarotonganês	t	a	p	u	p	p	p	p
havaiano	k	a	p	u	u	u	u	u

Pergunta 3: Quais correspondências sonoras existem para a palavra “proibido”?

A ausência de um segmento em alguma língua num conjunto de correspondência é representada pelo símbolo \emptyset .

(5) “fezes”					tonganês	samoano	rarotonganês	havaiano
tonganês	t	a	ʔ	e	t	t	t	k
samoano	t	a		e	a	a	a	a
rarotonganês	t	a		e	ʔ			
havaiano	k	a		e	e	e	e	e

Portanto, simbolizamos o fato de que “/ʔ/ em tonganês corresponde a zero nas demais línguas” como $\text{ʔ} : \emptyset : \emptyset : \emptyset$.

Pergunta 4 : Como representamos a situação nesse conjunto de correspondências?

(11) “fel”					tonganês	samoano	rarotonganês	havaiano
tonganês	ʔ	a	h	u	ʔ			
samoano		a		u	a	a	a	a
rarotonganês		a		u	h			
havaiano		a		u	u	u	u	u

Pergunta 5: Qual a dificuldade com o conjunto de correspondências (20) “acender fogo”?

20	tafuafi	siʔa	ʔika	hiʔa	acender fogo
----	---------	------	------	------	--------------

Pergunta 6: Como os conjuntos (18, 19, 21), (9, 10, 16, 17, 21, 22, 31) nos ajudariam a superar essa dificuldade?

Pergunta 7: Como seria a forma da palavra tonganês para “acender fogo”, se ela fosse cognata das outras línguas?

Após identificar todas as correspondências sonoras que existam nos dados, inicia-se a terceira etapa do processo de reconstrução comparada que é a de propor os protofonemas que deram origem aos fonemas atestados nas línguas aparentadas. Nesta seleção de itens lexicais, todas as vogais são idênticas. Nas correspondências entre as consoantes é que encontraremos as diferenças entre estas quatro línguas polinésias:

<i>tonganês</i>	<i>samoano</i>	<i>rarotonganês</i>	<i>havaiano</i>
p	p	p	p
f	f	ʔ	h
t	t	t	k
k	ʔ	k	ʔ
h	s	ʔ	h
m	m	m	m
n	n	n	n
ŋ	ŋ	ŋ	n
v	v	v	w
l	l	r	l
∅	l	r	l
ʔ	∅	∅	∅
h	∅	∅	∅

Ao propor os protofonemas hipotéticos, deve-se atentar sempre às seguintes diretrizes:

DIRETRIZ 1

NATURALIDADE: As mudanças sonoras que converteram o protofonema nos sons atestados nas línguas filhas devem ser o mais plausíveis que se possa imaginar.

DIRETRIZ 2

ECONOMIA: Uma reconstrução comparada deve envolver sempre o menor número de mudanças possível entre a protolíngua e as línguas filhas.

Pergunta 8: No caso de conjuntos de correspondências sem diferenças entre as línguas filhas, como /a/ : /a/ : /a/ : /a/ ou /e/ : /e/ : /e/ : /e/, qual protofonema você proporia?

Pergunta 9: Estude a tabela de correspondências consonantais. Quais protofonemas você poderia propor imediatamente, sem grandes controvérsias?

Pergunta 10: Estude os conjuntos abaixo. Qual protofonema você reconstruiria? Por quê?

t	t	t	K
ŋ	ŋ	ŋ	N

**Pergunta 11: Qual a dificuldade na reconstrução do protofonema a partir destes dados?
Qual diretriz você invocaria para resolvê-la? Qual tipo de mudança ocorreu entre a protolíngua e sua descendente aberrante?**

k	ʔ	k	ʔ
---	---	---	---

Diretriz 3

SIMETRIA: As reconstruções devem sempre procurar preencher eventuais lacunas nos sistemas fonológicos reconstruídos antes de reconstruir um sistema desequilibrado ou assimétrico.

Alguns exemplos de sistemas vocálicos estáveis (1-3) e instáveis (4-5):

1.	[+ant.] [-post.] [-arred.]	[-ant.] [-post.] [-arred.]	[-ant.] [+post.] [+arred.]
[+alto]	i		u
[-alto]		a	

2.	[+ant.] [-post.] [-arred.]	[+ant.] [-post.] [-arred.]	[-ant.] [-post.] [-arred.]	[-ant.] [+post.] [+arred.]	[-ant.] [+post.] [+arred.]
[+alto] [-baixo]	i				u
[-alto] [-baixo]		e		o	
[-alto] [+baixo]			a		

3.	[+ant.] [-post.] [-arred.]	[+ant.] [-post.] [+arred.]	[-ant.] [-post.] [-arred.]	[-ant.] [+post.] [+arred.]
[+alto] [-baixo]	i	y		u
[-alto] [-baixo]	e	∅		0
[-alto] [+baixo]			a	

4.	[+ant.] [-post.] [-arred.]	[+ant.] [-post.] [-arred.]	[-ant.] [-post.] [-arred.]	[-ant.] [+post.] [+arred.]	[-ant.] [+post.] [+arred.]
[+alto] [-baixo]	i				
[-alto] [-baixo]		e		o	
[-alto] [+baixo]			a		

5.	[+ant.] [-post.] [-arred.]	[+ant.] [-post.] [+arred.]	[-ant.] [-post.] [-arred.]	[-ant.] [+post.] [+arred.]
[+alto] [-baixo]	i			
[-alto] [-baixo]	e	∅		0
[-alto] [+baixo]			a	

Pergunta 12: Como a diretriz 3 pode ajudar na escolha entre */k/ e */ʔ/ para o protopolinésio?

(Dica: desenhe uma tabela dos protofonemas oclusivos e nasais já reconstruídos).

Pergunta 13: Qual protofonema você reconstruiria para este conjunto? Quais processos de mudança serão necessários imaginarmos para explicar as formas modernas?

f	f	ʔ	H
---	---	---	---

Pergunta 14: Quantos protofonemas devemos postular para esses conjuntos de líquidas? Por quê? E qual a eventual dificuldade que nos confrontará?

l	l	r	L
∅	l	r	L

INVENTÁRIO FONÊMICO PARCIAL PARA O PROTOPOLINÉSIO:

Consoantes

	bilabial	alveolar	Velar
oclusiva	*p	*t	*k
nasal	*m	*n	*ŋ
fricativa	*f		
lateral		*l	
rótico		*r	

Vogais

	[+ant.][-post][-arred.]	[-ant.][-post.][-arred.]	[-ant.][+post.][+arred.]
[+alto][-baixo]	*i		*u
[-alto][-baixo]	*e		*o
[-alto][+baixo]		*a	

Pergunta 15: Quais protofonemas você reconstruiria destas conjuntos de correspondências?

ʔ	∅	∅	∅
h	∅	∅	∅

Pergunta 16: Por que o seguinte conjunto de correspondências constitui um problema para sua reconstrução do protofonema dos conjuntos na pergunta 15?

h	s	ʔ	H
---	---	---	---

Pergunta 17: Como você resolveria essa dificuldade? Qual protofonema você reconstruiria e quais princípios você aplicaria?

Diretriz 4

CONTINUIDADE/JUSTIFICAÇÃO: Não se deve reconstruir nenhum protofonema, a não ser que sua existência possa ser demonstrada como imprescindível conforme a evidência nas línguas filhas. Conseqüentemente, qualquer protofonema que for reconstruído sem que ele tenha sobrevivido inalterado em pelo menos uma língua filha deve ser considerado suspeito até que sua inclusão seja demonstrada e justificada por motivos bem-fundamentados.

Pergunta 19: Se reconstruíssemos */x/ para a origem do conjunto de correspondências /h/ : Ø : Ø : Ø, qual diretriz apoiaria nosso proceder e por quais motivos estruturais? Qual princípio nos aconselharia cautela?

pergunta 20: Qual o protofonema deveríamos reconstruir para este conjunto? Por que as primeiras impressões poderiam enganar-nos? Qual reconstrução é o melhor e por qual razão?

v	v	v	w
---	---	---	---

O INVENTÁRIO CONSONANTAL DO PROTOPOLINÉSIO

proto-polinésio	tonganês	samoano	rarotonganês	havaiano
*p	p	p	p	p
*f	f	f	f	f
*t	t	t	t	k
*k	k	k	k	ʔ
*s	h	∅	∅	∅
*ʔ	ʔ	∅	∅	∅
*h	h	∅	∅	∅
*m	m	m	m	m
*n	n	n	n	n
*ŋ	ŋ	ŋ	ŋ	n
*w	v	v	v	w
*l	l	l	r	l
*r	∅	l	r	l

A reconstrução dos protomorfemas

O próximo passo na reconstrução é de reconstituir o vocabulário da protolíngua cujos fonemas foram identificados pela aplicação do M.R.C.

(15) “quatro”			
tonganês	f	a	a
samoano	f	a	a
rarotonganês	ʔ	a	a
havaiano	h	a	a

Esta palavra contém três correspondências sonoras nas línguas filhas, o que aponta para uma palavra ancestral composta por três profonemas.

$$\begin{aligned} &/f/ : /f/ : /ʔ/ : /h/ < * /f/, \\ &/a/ : /a/ : /a/ : /a/ < * /a/, \\ &/a/ : /a/ : /a/ : /a/ < * /a/. \end{aligned}$$

Conseqüentemente, reconstruímos a seguinte forma ancestral para o morfema “quatro” em protopolinésio:

protopolinésio	*f	*a	*a
----------------	----	----	----

Pergunta 21: Qual é forma ancestral da palavra para os cognatos de “evitar” nas línguas polinésias modernas?

Pergunta 22: Qual a dificuldade neste conjunto? Qual a forma ancestral conforme os dados do tonganês e samoano? Qual forma seria reconstruída à base das línguas rarotonganesa e havaiana?

	tonganês	samoano	rarotonganês	havaiano	
8	malohi	malosi	kaʔa	ʔaha	“forte”

Pergunta 23: Qual problema nos confrontaria se nos faltasse um cognato para “evitar” em tonganês? Ou seja, se

	tonganês	samoano	rarotonganês	havaiano	
9	kalo	ʔalo	karo	ʔalo	“evitar”

fosse

	tonganês	samoano	rarotonganês	havaiano	
9	...	ʔalo	karo	ʔalo	“evitar”

Como seria a forma ancestral que nos viríamos obrigados a reconstruir à base de /ʔalo/ : /karo/ : /ʔalo/? Qual dúvida seria impossível de resolver?

5.2. A reconstrução de mudanças sonoras condicionadas

Se escrevermos regras para expressar as mudanças que ocorreram entre o protopolinésio e suas diversas línguas filhas, observaremos que todas as mudanças que acabamos de estudar são mudanças não condicionadas. Ou seja, */s/ sempre foi convertido em /ʔ/ no rarotonganês ou */r/ original sempre foi transformado em /l/ no havaiano. Não consta nenhuma mudança que se tenha produzido num determinado contexto fonético, mas não foi realizado em certos outros ambientes. Como lidamos com mudanças sonoras condicionadas na reconstrução de protolínguas? Afinal, as mudanças condicionadas são as mais frequentes.

Apresento alguns dados adicionais tirados do tonganês e do samoano:

	tonganês	samoano	
37	fefine	fafine	“mulher”
38	fiefia	fiafia	“feliz”
39	moʔuŋa	mauŋa	“montanha”
40	tuoŋaʔane	tuaŋane	“irmão (de mulher)”
41	tuofefine	tuafafine	“irmã (de homem)”

Pergunta 24: Essas cinco palavras introduzem uma nova correspondência entre as vogais. Você consegue identificar qual?

Pergunta 25: Quais protofonemas você proporia para a origem desses novos conjuntos?

Pergunta 26: Qual é o problema com esta reconstrução?

	tonganês	samoano	proto-polinésio	
37	fefine	fafine	fefine	“mulher”
38	fiefia	fiafia	fiefia	“feliz”
39	moʔuŋa	mauŋa	moʔuŋa	“montanha”
40	tuoŋaʔane	tuaŋane	tuŋa(ʔa)ne	“irmão (de mulher)”
41	tuofefine	tuafafine	tuofefine	“irmã (de homem)”

Uma investigação mais pormenorizada revelará que nossos protofonemas hipotéticos */ε/ e

*/ɔ/ estão em distribuição complementar com */a/:

$$\left. \begin{array}{l} */\epsilon/ \text{ só ocorre no contexto } / _ . (C)i . CV\# \\ */\text{ɔ}/ \text{ só aparece no ambiente } / _ . (C)u . CV\# \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \text{Na terceira sílaba do final da palavra} \\ \text{quando } /i/ \text{ ou } /u/ \text{ está na sílaba seguinte.} \end{array} \right.$$

*/a/ está presente em qualquer outro contexto fonético, salvo os dois cima.

Se consultar a primeira tabela de vocábulos polinésios, não encontrará nenhuma palavra tonganesa que termine com a sequência /-a.Cu.CV/ ou /-a.Ci.CV/. Consequentemente, procedemos postulando uma mudança sonora condicionada no tonganês da seguinte forma:

$$*/a/ > \left\{ \begin{array}{l} [o] / (C) _ . (C)u . (C)V\# \\ [e] / (C) _ . (C)i . (C)V\# \end{array} \right.$$

Por conseguinte, depois de montar as tabelas de correspondências sonoras nas línguas filhas, é necessário realizar mais dois passos investigativos:

Diretriz 5

PARES SUSPEITOS: Identifique as correspondências sonoras que envolvem sons foneticamente parecidos; e, a seguir, aplique a

Diretriz 6

DISTRIBUIÇÃO: Para cada par de correspondências sonoras suspeitamente semelhantes quanto à sua composição fonética, verifique se essas correspondências estão em distribuição complementar ou se estão em distribuição contrastante.

Esse procedimento é parecido com a análise sincrônica para identificar os fonemas de uma língua a partir dos dados fonéticos. No M.R.C., usam-se as correspondências sonoras das línguas filha de mesma maneira do que os fones de uma determinada língua. O próximo passo envolve a identificação de quais correspondências eram distintivas fonemicamente na língua original e quais delas eram simplesmente variantes posicionais, ou seja, *alo-correspondências dos correspondência-emas*.

OUTRO EXEMPLO DE UMA MUDANÇA SONORA CONDICIONADA

Sinaugoro	Motu	
tama	Tama	“pai”
tina	Sina	“mãe”
taŋi	Tai	“chorar”
tui	Tui	“cotovelo”, “joelho”
yita	Ita	“ver”
yate	Ase	“fígado”
mate	Mase	“morrer”
natu	Natu	“criança”
toi	Toi	“três”

Pergunta 27: Quais a forma ancestrais dessas duas línguas?

Pergunta 28: Existe algum par de correspondências sonoras entre os dados polinésios que lhe pareça suficientemente parecido foneticamente para ficar sob suspeita de poder eventualmente estar encobrindo alguma distribuição complementar?

O par mais suspeito que vimos envolve as correspondências entre as líquidas. Tentemos descobrir se houvesse uma mudança sonora condicionada no tonganês em que o único fonema original fosse eliminado em alguns contextos, mas preservado em outros ambientes, ou se houvesse dois protofonemas que foram fusionados no samoano, rarotonganês e o havaiano.

	<i>tonganês</i>	<i>samoano</i>	<i>rarotonganês</i>	<i>havaiano</i>	
	/l/	/l/	/r/	/l/	
9	kalo	ʔalo	Karo	ʔalo	“evitar”
12	ʔulu	ulu	Uru	...	“cabeça”
29	ŋalu	ŋalu	Ŋaru	nalu	“onda”
33	laho	laso	raʔo	laho	“escroto”
34	lohu	lou	Rou	lou	“vara para coletar fruta”

	<i>tonganês</i>	<i>samoano</i>	<i>rarotonganês</i>	<i>havaiano</i>	
	∅	/l/	/r/	/l/	
23	huu	ulu	Uru	...	“entrar”
26	maa	mala	Mara	mala	“fermentado”
35	oŋo	loŋo	Roŋo	lono	“escutar”
36	ua	lua	Rua	lua	“dois”

Será preciso examinar todos os ambientes condicionadores potenciais. Tal como na procura de fatores condicionadores de alofonia, devemos considerar os seguintes aspectos contextuais:

1. O tipo de som/sons que segue/m;
2. O tipo de som/sons que precede/m;
3. O tipo de sílaba em que o sons se encontra (se aberta ou travada);
4. A posição geral do som dentro do morfema (se inicial, medial ou final);
5. Qualquer combinação imaginável desses quatro fatores.

Pergunta 29: Qual sua conclusão no que diz respeito à distribuição de */l/ e */r/? É contrastante ou complementar?

Pergunta 30: Em decorrência da sua resposta à pergunta (28), qual reconstrução é preferível entre fissão condicionada em tonganês ou fusão não condicionada em samoano, rarotonganês e havaiano?

5.3. A realidade das protolínguas

No início deste capítulo sobre o método comparativo, confessei que, na aplicação do M.R.C., é necessário um tanto de conjectura, mas que essa conjectura é do tipo inteligente e não mera suposição. Portanto, convém perguntar-se o que as reconstruções pelo método comparativo representam de verdade. São verdadeiras línguas que, de fato, eram faladas alguma vez no passado, ou as reconstruções são nada mais que aproximações a alguma fase anterior?

Um ponto de vista é que o trabalho reconstutivo não visa reconstituir os fatos de uma língua tal como ela era falada de verdade e nem deveríamos almejar isso quando aplicamos o método de comparativo. Alguns linguistas sustentam que não se deve propor nenhuma forma fonética para os fonemas originais reconstruídos a partir das evidências observadas nas correspondências sonoras exibidas nas línguas filhas. Antes disso, o proceder mais acertado é de deduzir simplesmente que algum fonema que era distinto de todos os outros sons existia numa determinada palavra, mas que não podemos saber qual era a forma fonética desse fonema. De acordo com essa perspectiva, uma protolíngua como reconstrução não é uma língua no mesmo sentido que qualquer uma das suas descendentes são línguas, nem é tão real como a verdadeira protolíngua da qual as línguas modernas descendem. Para esses linguistas, uma protolíngua nada mais é do que uma expressão abstrata de certas correspondências.

Por conseguinte, se aderir a essa visão, é lógico inventar um repertório de símbolos totalmente arbitrários para expressar os fonemas originais da protolíngua reconstruída em cada conjunto de correspondências nas línguas descendentes. Assim, por exemplo, poder-se-ia afirmar que a correspondência de t : t : t : k observada nas línguas polinésias deveria ser reconstruída como *\$; a correspondência de a : a : a : a deveria ser reconstruído como *@; a correspondência de p : p : p : p seria expressada como *% e a correspondência de u : u : u : u seria representada por *&. Portanto, a forma original que produziu os reflexos acima seria reconstruída como *\$@%&:

	<i>tonganês</i>	<i>samoano</i>	<i>rarotonganês</i>	<i>havaiano</i>	
1.	tapu	tapu	tapu	kapu	“proibido”

A representação simbólica *\$@%& não informa nada sobre a forma fonética da palavra original. A fórmula apenas expressa que existia uma palavra que continha quatro fonemas diferentes que se comportaram em quatro maneiras distintas nas línguas filhas do protopolinésio.

Outros linguistas, embora não tenham adotado uma postura tão radical quanto os primeiros, defendem que, ainda que se possa afirmar que línguas que sejam relacionadas por ascendência comum se derivam de uma única língua ancestral, não se deveria pressupor como decorrência natural dessa relação genética que a língua original tenha existido, de fato, tal como ela tenha sido reconstruída. O pressuposto do método comparativo é que a reconstrução comparada nos levará a uma protolíngua totalmente uniforme e é provável que isso nos proporcione uma visão falsa ou, no mínimo, distorcida da protolíngua. Em alguns casos, a aplicação do método comparativo pode até permitir-nos reconstruir uma protolíngua que nunca tenha existido enquanto língua historicamente documentada.

Por exemplo, pela aplicação do método comparativo, é possível reconstruir diversas protolínguas entre o latim e as várias línguas neolatinas modernas, p. ex., protocastelhano, protogalaico-português, protogalo-romance, protorromance ocidental, etc., das quais todas as variedades modernas dessas línguas teriam descendido. Em termos históricos, porém, sabemos que essas protolínguas nunca existiram. Inovações das formas latinas surgiram localmente desde o primeiro momento em que o latim foi falado nessas regiões. Nunca houve nenhum período de mudança uniforme do latim para o protofrancês na região ocupada atualmente pela França e, posteriormente, uma separação desse protofrancês na proliferação de dialetos modernos que constatamos nessa zona geográfica. É necessário, portanto, evitarmos pressupor que as protolínguas existiam, como é preciso também não imaginarmos que tenha havido alguma vez alguma comunidade que tenha falado a protolíngua.

No que diz respeito à realidade das protolínguas que se reconstroem, a maioria dos linguistas almejam atingir um nível de segurança na reconstrução que lhes permita avaliarem alguns aspectos da forma fonética da língua que foi reconstruída. Reconhece-se que, às vezes, não é possível estar cem por cento seguro das formas fonéticas. Um caso ilustrativo é a diferença entre as correspondências polinésias de $l : l : r : l$ e de $\emptyset : l : r : l$. reconstruímos $*/l/$ para primeira correspondência e $*/r/$ para a segunda. Entretanto, é perfeitamente possível que nos tenhamos enganado. Em tais casos, é aconselhável não considerarmos $*/l/$ e $*/r/$ como indicações confiáveis das qualidades fonéticas dos fonemas originais, mas antes enxergar os segmentos reconstruídos como simples indicações de que *alguma* distinção fonêmica existia na base de *alguma* oposição sonora e que é provável que essa distinção tenha envolvido sons que tenham pertencido à classe das líquidas.

Às vezes, linguistas preferem evitar comprometer-se a uma determinada forma fonética para um protofonema, mas, ao mesmo tempo, não querem atribuir símbolos totalmente

arbitrários para explicar a presença de alguma correspondência sonora nas línguas filhas. Uma técnica adotada com frequência nesse tipo de situação é de distinguir os protofonemas dos quais dois conjuntos de correspondências foneticamente parecidas se derivam pelo uso de variantes minúsculas e maiúsculas do mesmo símbolo. No caso do exemplo que acabamos de proferir, por exemplo, poder-se-ia evitar afirmar de maneira detalhada a forma fonética na protolíngua ao derivar de modo arbitrário a correspondência $l : l : r : l$ de $*/l/$, ao propor $*/L/$ como a origem da correspondência $\emptyset : l : r : l$. Ao utilizar a letra maiúscula, afirma-se que o som original provavelmente tenha sido algum tipo de líquida, mas não existe nenhuma firmeza sobre qual. Outra convenção em essas situações é de utilizar numerais sobrescritos ou subscritos, p. ex., $*/l^1/ : */l^2/$ ou $*/l_1/ : */l_2/$.

De vez em quando é possível verificar a correção de nossas suposições sobre a fonética de uma protolíngua. Uma possibilidade é de estudar registros escritos antigos que são dos tempos da própria protolíngua. No caso das línguas neolatinas, por exemplo, podemos verificar a validade das formas hipotéticas produzidas pelo método comparativo quando reconstruímos a partir das línguas neolatinas modernas e comparamos os resultados com o latim para determinar se as reconstruções assemelham algo atestado nos registros textuais. Não obstante, existem muitos aspectos do latim que o método de reconstrução comparada não consegue recuperar. Por exemplo, estude as seguintes palavras românicas:

Espanhol	Francês	Italiano	Romeno	Português
(nariz)	<i>nez</i> /ne/	<i>naso</i> /nazo/	<i>nas</i> /nas/	(nariz)
<i>cabo</i> /kabo/	<i>chef</i> /ʃɛf/	<i>capo</i> /kapo/	<i>cap</i> /kap/	<i>cabo</i> /kabo/
<i>cabra</i> /kabra/	<i>chèvre</i> /ʃɛvr/	<i>capra</i> /kapra/	<i>capra</i> /kaprə/	<i>cabra</i> /kabra/
<i>haba</i> /aba/	<i>fève</i> /fɛv/	<i>fava</i> /fava/	<i>fau</i> /faw/	<i>fava</i> /fava/

(Embora as palavras francesas pareçam foneticamente bastante diferentes das nas demais línguas românicas, ainda são cognatas com elas.)

Pela grande variação na forma dessas palavras e a pequena quantidade de exemplares disponibilizados, não é viável aplicar o método comparativo seriamente e produzir reconstruções válidas. Por outro lado, podemos conjecturar que a palavra original para “nariz” teria sido algo como $*/naso/$; a palavra para “cabeça” teria sido $*/kapo/$; “cabra” teria sido $*/kapra/$ e “fava” teria sido $*/faba/$.

Por existirem registros escritos do latim, é possível verificar a precisão das nossas reconstruções. As formas ortográficas que depreendemos nos textos latinos são as seguintes:

<i>nasum</i>	“nariz”
<i>caput</i>	“cabeça”
<i>capram</i>	“cabra”
<i>fabam</i>	“fava”

Sabe-se que o valor do símbolo *c* em latim era /k/. Entretanto, os textos sobreviventes não nos fornecem as mesmas formas que o método comparativo reconstrói. É possível reconstruir uma característica da protolíngua quando algum vestígio da forma original tenha persistido em pelo menos *uma* das línguas filhas. Se todas as descendentes perderam a característica, não estamos numa posição para reconstruí-la e ela foi perdida definitivamente. Nos exemplos latinos acima, o nasal final não sobreviveu em nenhuma das línguas filhas e o */u/ que antecedia o nasal foi convertido em */o/ ou elidido em todas as descendentes também. Por conseguinte, nunca conseguiríamos reconstruí-los pelo M.R.C.

A segunda possibilidade que nos permite verificar a correção das nossas reconstruções é de examinar palavras que foram tomadas emprestadas de outras línguas no passado. Às vezes é possível depreender que uma palavra foi copiada da protolíngua para uma outra língua e que o empréstimo lexical permaneceu na língua receptor até os tempos modernos com a maioria das características da prolação original intacta. A forma em que tais empréstimos foram adquiridos pode comunicar-nos algo sobre a articulação da palavra na época em que foi tomada emprestada.

Por exemplo, podemos descobrir algo da pronúncia do som representado pelo dígrafo *ch* em francês. No francês moderno, esse som é [ʃ]. Porém, sabemos que no passado seu valor fonético era [tʃ], porque existem palavras em inglês que foram tomadas emprestadas durante a idade média e que preservam a prolação africada em lugar da fricativa do francês moderno. Até existem pares de palavras que o inglês tomou emprestado duas vezes do francês, com significados ligeiramente diferenciados e em o primeiro empréstimo exibe uma africada e o segundo uma fricativa, p. ex., *chief* [tʃiːf] “chefe” e *chef* [ʃɛf] “chef”.

Guia de leitura para reflexão

1. O que significamos quando dizemos que uma forma linguística é o reflexo de outra?
2. O que são os cognatos?
3. O que é o método comparativo?
4. O que é a reconstrução linguística?
5. O que “correspondência sonora” significa no contexto da aplicação do método comparativo?

6. Quais fatores devem ser levados em consideração quando reconstruímos os fonemas de uma protolíngua a partir das correspondências sonoras em suas descendentes?
7. Como reconstruímos um fonema se uma mudança sonora condicionada ocorreu?
8. Em quais situações o método de reconstrução comparada não consegue reconstituir uma protolíngua corretamente?
9. Como podemos verificar a correção de reconstruções históricas?